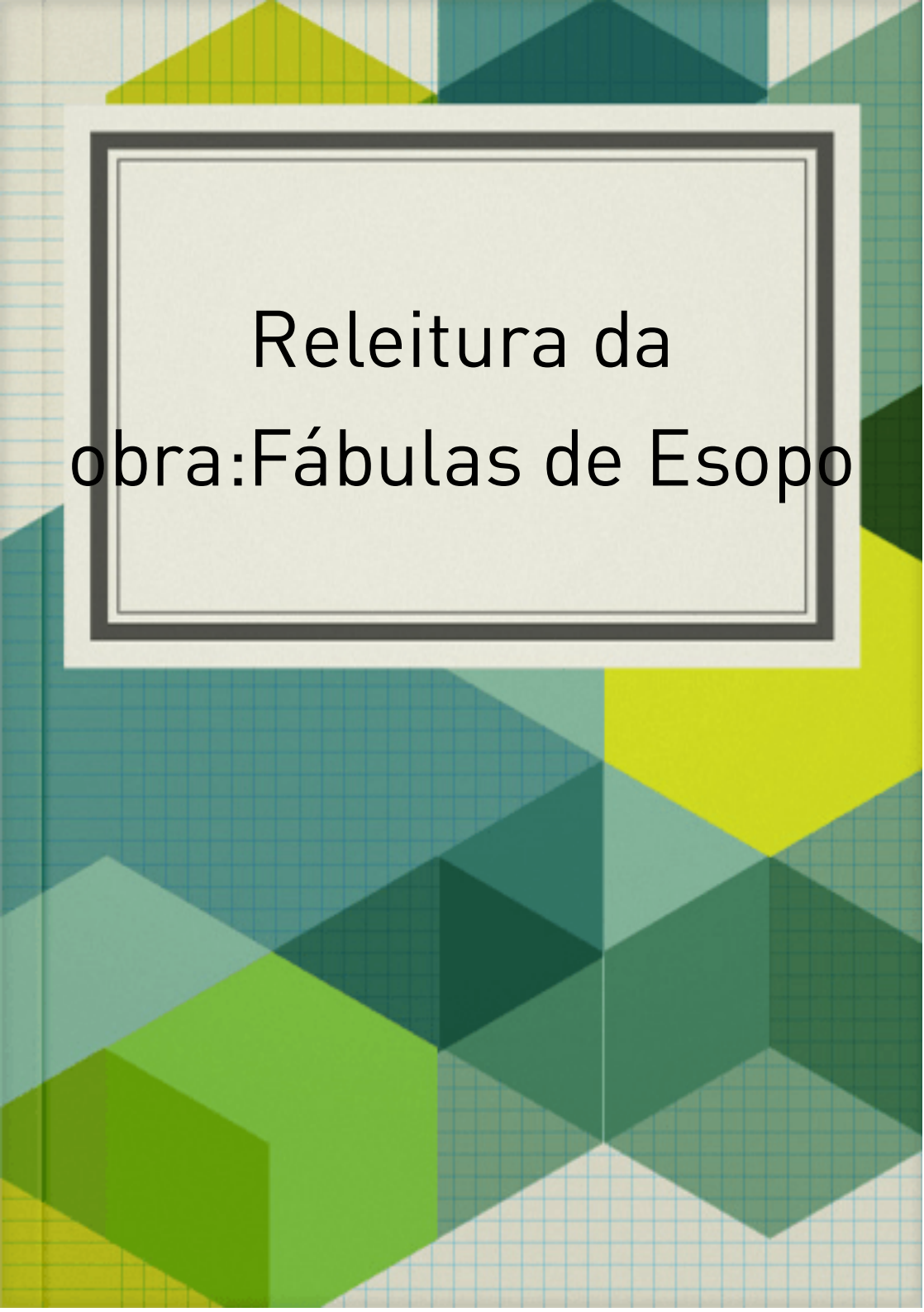




Releitura da obra: Fábulas de Esopo

A vida de Esopo

Esopo, fabulador antigo e famosíssimo, segundo a maior parte opiniões era natural da Frígia, província de Ásia. As feições do corpo eram mais monstruosas que humanas, porque além de ter o rosto feio e deformado, o corpo pequeno, a cabeça grande e desproporcionada, era torto, corcovado e sobretudo tartamudo. Mas como a natureza

a cada um deu participar dote, foi Esopo dotado de tão agudo engenho, que com a grandeza dele se lhe apagaram bastantemente todas as faltas corporais.

Sendo capturado como escravo por Gregos, veio para Atenas, onde esteve ao serviço de um cidadão rico, de nome Aristes. Junto com outros escravos, passava os dias numa horta a cavar e a adubar. Como todos o maltratassem e desprezassem, e o maioral dos trabalhadores lhe desse muitas pancadas, queixava-se Esopo, dizendo que denunciaria aqueles agravos ao seu senhor Aristes, e outros crimes que o maioral tinha notado. Este, com medo, adiantou-se-lhe e persuadiu Aristes que, para sossego dos seus escravos, tirasse Esopo de entre eles e o vendesse.

Aristes assim fez e vendeu-o a um mercador forasteiro, que ali mesmo residia, o qual o levou para uma casa onde tinha muitos outros escravos,

que, quando o viram, tiveram asco de
andar em sua companhia. Um dizia que aquele
escravo era
bom para fazer calar meninos, outros que para servir
em casa
de homem ciumento, e muitas outras coisas deste
género.
Por acaso mandaram em presente ao mercador um
prato de
figos formosos, que ele estimou por serem fora de
tempo, e
mandou-os pôr a bom recado, para comer no princípio
do jantar.

Três escravos, tentados pela gula, conjuraram-se para comerem os figos e porem a culpa a Esopo, crendo que este, acusado por três testemunhas, não poderia defender-se.

Assim os comeram com muita festa, zombando do pobre inocente, que com açoites os havia de pagar. Chegada a hora de comer, o Senhor pediu os figos, e foi-lhe respondido (como tinham concertado) que Esopo os comera todos.

Indignou-se o Senhor, e chamando-o disse-lhe:

— Animal feio e bruto, que atrevimento foi o teu em
comeres
os figos que mandei guardar para mim?
E com isto mandou-o despir para ser açoitado. O
pobre
Esopo, não sabendo o que fazer, porque a língua não o
dei-
xava desculpar-se e a cólera do Senhor não dava
tréguas
nem espaço, agarrou numa panela de água, que por
acaso
estava ao fogo, e bebendo grande quantidade dela
muito
quente, meteu os dedos na boca, com que revolveu o
estô-
mago e a tornou a lançar clara, mostrando estar em
jejum,
com o qual feito desmascarou os seus acusadores.

Maravilhado o Senhor com esta ação, e vendo a sua ino-
cência, obrigou os outros a que fizessem o mesmo, e
como se
cumprisse, os que comeram figos os vomitaram com
a água
juntamente, e foram por isso e pelo falso testemunho
casti-
gados.

Convinha ao mercador partir dali a três jornadas, onde
havia
de embarcar para a ilha de Samos, e faltando-lhe
bestas de
carga, foi forçado a repartir o fardo pelos escravos.
Mas como

Esopo era pequeno e fraco, deu-lhe a escolher a carga que se atrevesse a levar. O mais pesado de todos os fardos

era uma canastra grande cheia de mantimentos, a qual ele

escolheu, rindo-se todos e cuidando que não poderia levá-la.

Puseram-se a caminho e como no fim da primeira jornada

comessem, aliviaram um pedaço a canastra, com o que ficou igual à carga dos outros; mas no segundo dia despejaram-na

de todo, e levando-a vazia, conheceram todos o seu erro e a manha discreta com que Esopo escolheu a carga.

Embarcou o mercador e chegou a Samos, onde pôs a sua

fazenda à venda e os escravos juntamente. Estavam num

alpendre, onde a feira se fazia, Esopo com dois companheiros, e ninguém fazia caso dele para o comprar, embora muitos o olhassem por troça. Chegou um cidadão e

perguntou a um dos companheiros o que sabia fazer para o

comprar. Respondeu-lhe:

— Senhor, tenho muitas artes, sei tratar bem de cavalos e servir em tudo o que é de casa, sou grande hortelão e bom lavrador, e em tudo que é do campo ninguém me levará vantagem; também sou bom ferrador, alveitar e entendo de ferreiro.

Com isto chegou a outro, e perguntou-lhe o mesmo, ao que ele respondeu:

— Eu, Senhor, sou destro em todas as coisas necessárias, e nenhuma me mandarão fazer a que não dê bom expediente.

Correndo mais adiante, perguntou a Esopo que o sabia ele.

Respondeu:

— Eu nada sei, porque como os meus parceiros ficaram com o saber de tudo, não me ficou que saber a mim.

Disto riram muito todos os presentes, e um Filósofo,
de nome

Xanto, que ali passeava, comprou-o e levou-o para sua
casa.

Um dia em que, com o seu novo escravo, Xanto foi
passear

por uma horta, o hortelão fez-lhe esta pergunta:

— Dizei-me, Senhor, que razão há para que cresçam e
estejam sempre viçosas as ervas, que esta terra cria,
e as que eu semeio,cavo,rego e adubo ,murchem mais
depressa e frutifiquem menos

Ficou atrapalhado o Filósofo e não soube responder;
vendo

isto, Esopo disse-lhe de parte que ele sabia a
pergunta, por-

tanto que o encarregasse de dar a resposta; então o
Filósofo

disse ao hortelão:

— Essa não é dúvida para se pôr a um homem como
eu. Este

escravo que aqui vês responderá a ela — e logo lhe
mandou

que respondesse.

— A razão da dúvida — disse Esopo — é esta: as ervas
que a

terra voluntariamente produz são suas filhas, e como
tais as

cria e conserva; as que vós semeais são enteadas,

que a
madrasta nunca com tanto gosto as alimenta;
portanto não
é de espantar, se nos próprios filhos se enxerga
vantagem no
mimo e criação diferente dos enteados.
Satisfez-se o hortelão, e espantou-se o Filósofo com o enge-
nho e agudeza do criado.
Xauto tinha muitos discípulos, homens graves, e
costumavam
oferecer banquetes uns aos outros. Quis Xauto dar-
lhes um
banquete, e porque tinha mulher áspera e pouco
afeiçoada
a obedecer-lhe, nem gostava de receber hóspedes,
depois
de comprar o necessário,

encarregou Esopo de preparar a casa e a mesa. Acontece que chegando a hora da ceia co-
meçou ele a preparar o espaço, e, com muita limpeza, ordenou a mesa e pôs nela algumas coisas, antes que os
convidados e o seu amo viessem. Era tempo frio, e havia na
casa um braseiro grande com fogo, do qual a mulher se
acercou para se aquecer, carrancuda, e encostou-se a ele,
de costas para a mesa. Esopo pediu-lhe que olhasse para a
mesa, não lha descompusesse algum cão ou gato; ela disse
que o faria; segunda vez lhe rogou o mesmo e que virasse o
rosto para ver; ao que ela indignada respondeu que importuno, que também tinha olhos atrás. Calou-se Esopo, foi-se

e regressando dali a um pedaço, como a encontrasse
a
dormir, pôs mansamente a descoberto o lugar onde
ela disse
que os olhos estavam. Não tardou muito Xanto com os
seus
hóspedes, que entrando no aposento viram muito bem
quanto mal composta a mulher estava. Ficou
afrontado o Fi-
lósofo, e perguntando a causa a Esopo, ele contou-lhe
o que
se passara, de que se indignou mais; e acordada a
senhora,
foi-se embora muito envergonhada e com grande ódio
com-
tra Esopo.

Seguidamente agasalhou Xanto os seus discípulos, e logo propôs expulsar de casa Esopo; mas sendo convidado deles outra vez, e ceando largamente, como se esquentasse com o vinho mais do que o necessário, começou a falar demasias, e entre elas afirmou que beberia o mar todo. Contradisseram-no os discípulos, e ele porfiou, até que apostaram grande soma de dinheiro, e Xanto deu como sinal o seu anel. No dia seguinte, resfriado já do furor, deu por falta do anel e perguntou por ele. Respondeu Esopo:

— Senhor, não vos lembrais que o destes ontem de sinal sobre

a aposta que fizestes de beberdes o mar todo?

— Como é possível — disse Xanto — que eu fizesse tal pro-

posta, quem pode beber o mar?

— Isso não sei — disse Esopo —, mas vós apostastes.

Ficou Xanto confuso com a aposta que fizera, sem lhe poder

achar saída, até que Esopo, vendo-o tão triste, lhe disse:

— Senhor, não vos agasteis, descansai que eu vos tirarei des-

sa afronta e farei com que ganheis o dinheiro.

Alegrou-se com isto Xanto, e vindo o dia combinado,
vieram
os discípulos dizer-lhe que cumprisse o que
prometera, ou
dando-se por vencido pagasse o dinheiro. Xanto
respondeu
que estava contente, e informado pelo seu escravo do
que
havia de fazer, foi com eles à beira do mar, onde
pusera a mesa e copos, estando à volta toda a gente
da Ilha, que se
chegou para ver maravilha tamanha, como era querer
um
homem recolher o mar no seu estômago. Pronto tudo
o
necessário, começou Xanto a falar ao povo, dizendo:

— Varões de Samos, eu apostei com estes discípulos que havia hoje de beber este mar todo; respondam eles se é verdade, e se bebendo-o eu, cumprirei o prometido e eles se darão por vencidos?

Todos responderam que sim. Disse então Xanto:

— Pois que assim é, e eu fiquei de beber o mar, prestes estou a cumpri-lo; mas eles hão de fechar primeiro todos os rios que no mar entram e entupir-lhes as bocas, porque eu me obri-guei a beber o mar, mas não a multidão de rios que entram nele; portanto, se querem que eu cumpra o que fiquei de fazer, é forçoso que eles primeiro impeçam a corrente de quantos rios fazem para aqui o seu curso.

Não souberam os discípulos responder a isto, e o povo
louvou
muito a resposta do Filósofo, e todos o consideraram
livre da
aposta, e regressou a casa mais reconhecido que
antes.

Outros muitos casos sucederam a Esopo com Xanto,
que
deixo por brevidade, até que veio a ser livre e a
governar Sa-
mos, onde compôs em língua grega este volume de
Fábulas. Depois, como o rei Cresos da Lídia quisesse
conquistar Samos,
por seu conselho e astúcia se defenderam os vizinhos
muito
tempo;

porém vendo-se muito apertados, e que Creso ofere-
cia a paz se lhe entregassem Esopo, deram-lho, ainda
que

Creso não cumprisse depois a palavra, como Esopo
antes

tinha adivinhado, e logo os pôs em sujeição.

Não quis Creso matar Esopo, antes o tinha em sua
casa

favorecido, porque se valia muitas vezes do seu
conselho e

habilidade. Viveu Esopo na Lídia muito favorecido, e
depois correu toda

a Grécia, onde lhe sucederam vários casos que aqui se
não

contam.

Mas em todas as partes, por sua fama e sabedoria o veneraram, só em Delfos não usaram com ele esta cortesia e primor. E sabendo ter errado, para que ele não os afrontasse infamando-os e divulgando na Grécia a sua descortesia, decidiram matá-lo, e, acrescentando um mal a outro, levantaram-lhe certo falso testemunho pelo qual o condenaram a ser despenhado. E com muita brevidade, sem lhe valer alegar a sua inocência, foi posto sobre o cume de uma alta rocha e lançado dali chegou a baixo em mil pedaços. Todas as Cidades gregas sentiram muito a sua morte e pouco tardou que Delfos fosse destruída em vingança, segundo dizem, desta injustiça e traição.

As Fábulas que eu mais gostei em Fábulas de Esopo:

Fábula XCV:As duas cabras

Duas Cabras estavam brincando sobre algumas pedras na parte mais alta de um vale montanhoso,se viram em cima de um abismo, lá no fundo tinha um rio onde descia as montanhas.O único jeito de atravessar era com um tronco de madeira.Elas queriam passar mas por conta do orgulho nenhuma queria ficar atrás da outra, então atravessaram as duas mesmo,elas se encontraram no meio do tronco e como nenhuma queria dar o lugar para a outra passar, as duas cabras começaram lutar e as duas caíram no rio.

Fábula XCIX: Lebre e A Tartaruga

A lebre sempre que passava pela a tartaruga zuava ela por ser muito lenta.

-Tu consegue chegar no seu destino.Disse a lebre zuando a tartaruga.

-Sim-disse a Tartaruga-E consigo chegar mais rápido do que está pensando.Vamos fazer uma corrida e te mostro.

A lebre achou engraçado a situação mas resolveu aceitar.A Raposa era o júri arrumou os participantes e deu a largada

Continuação da Fábula da Lebre e a Tartaruga.

Rapidamente a Lebre se perdeu de vista,e para querer mostrar o quão ridículo era aquele desafio resolveu dormir no meio da corrida só que enquanto a Lebre dormia a Tartaruga passou do lugar onde a Lebre estava a dormir e já estava chegando na linha do final,a Lebre viu que estava a perder e saiu correndo de pressa porém não conseguiu chegar na final antes da Tartaruga, e a Tartaruga obviamente ganhou.

Fábula CX:O Velho E O Feixe de Varas

Um senhor de idade já tinha vários filho que não paravam de brigar o pai tentava a ensinar os filhos para evitar tantas brigas porém não tinha nenhum resultado.

Um dia o senhor juntou os meninos e pediu que lhe trouxessem um feixe de varas e depois pediu para cada filho quebrar o feixe de varas com toda a força que eles conseguem e nenhum de seus filhos conseguiu,

Parte 2 da Fábula do Velho e o Feixe de Varas

Pois bem, depois o Senhor pegou os Feixe de Varas porém quebrou uma por uma e disse para teus filhos:

-Meus filhos, aqui vocês viram o poder da unidade. Se vocês se manterem juntos e com a força da amizade ninguém conseguirá vencer de vocês, agora se vocês ficarem separados vocês vão perder.

Fábula CXI:Os Dois Viajantes e o Urso

Dois homens estavam a viajar e de repente apareceu um urso bem grande afinal,um dos viajantes subiu numa árvore ali do lado e o outro viajante incapaz de lutar sozinho e sem lugar para correr resolveu se fingir de morto,o urso então foi até o cara e cherou o mesmo assim que convecido que o homem estava morto sai dali.

O viajante que estava em cima da árvore desceu e falou em modo de brincadeira:

Parte 2 dos Viajantes e do Urso

-Parece que o Urso sussurrou algo em teu ouvido,oque ele falou algo?

-Sim,Me deu um conselho:nunca ande com uma amigo que no momento de aflição irá te abandonar só para a sorte dele.Respodeu o outro amigo

Moral da História:

No teu momento de desgraça,que você descobre teus verdadeiros amigos.

Fábula CXIII:O Lobo com Pele de Cordeiro

Um dia,um lobo resolveu mudar sua aparência de lobo para a de cordeiro querendo se beneficiar,ele vestiu uma roupa de cordeiro e foi acompanhar o rebanho para o pasto,enganando o Pastor,mas para a tarde o Pastor fechou o lobo com as ovelhas, porém como ele queria carne para comer no dia seguinte,a noite o Pastor foi ao curral e pegou o lobo por engano já que ele estava vestido como um cordeiro e matou o lobo.

